

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E
ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

FRANKENSTEIN, A OUSADIA DE CRIAR UM SER

RAQUEL RODRIGUES CARVALHO

87.09
C 331 f
Ex 1
C 9256 9535

C 331 f

PONTES E LACERDA, DEZEMBRO - 2002

BIB. IO FCA	
UN. T	
Campus	
R.N.	9523
Data	10 / 09 / 03.

Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Frankenstein, a Ousadia de Criar Um Ser

Ensaio monográfico apresentado à UNEMAT/ Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof.: Wellington
Pedrosa Quintino

Pontes e Lacerda, dezembro – 2002

Agradeço a Deus que está sempre a meu lado e que durante esta trajetória não foi diferente, por mais que eu estivesse afastada dele algumas vezes, aos meus pais que me deram muita força em todos os momentos e aos professores que muito colaboraram com seus ensinamentos.

Dedico aos meus pais, em especial minha mãe que por muitas vezes perdeu suas noites de sono para ficar ao meu lado enquanto eu estudava, ao meu namorado que compreendeu as muitas vezes que não lhe dei atenção, pois tinha que fazer algum trabalho e a elas: Waldirene, Verônica, Anissandra e Elizabete, minhas amigas que estiveram sempre ao meu lado nas horas mais difíceis desta jornada.

Por acaso pedi, Criador, que do barro
me Moldasses homem? Porventura
solicitei Que das trevas me erguesses?

John Milton, Paraíso Perdido

Sumário

Mary Shelley: Vida e Obra	05
O Romantismo em Frankenstein	07
Frankenstein: A História	09
Introdução	11
Frankenstein, A Ousadia de Criar Um Ser	12
Considerações Finais	26
Bibliografia	28

MARY SHELLEY: VIDA E OBRA

Mary Shelley, nasceu em 1.797 na Inglaterra, filha de Willian Goldwin escritor e filósofo e da intelectual feminista Mary Wollstonecraft que morreu poucos dias após ter dado a luz. Desde cedo Mary Shlley esteve inserida no contexto literário, sua casa era bastante freqüentada por intelectuais ligados ao movimento romântico, dentre eles o poeta Percy Shelley, com o qual Mary fugiu aos dezesseis anos de idade embora Percy ainda casado e pai de uma menina. Viveram juntos sem oficializar o casamento na França e na Suíça. Com advento do suicídio de Harriet, a esposa de Shelley em 1.816, eles se casaram e passaram a viver na Itália, onde viveram até a morte de Shelley em 1.822, com isso Mary Volta a viver na Inglaterra.

Há teóricos que dizem que sua vida foi tão interessante quanto sua obra dramática, isso acontece por causa da série de acontecimentos trágicos que envolveram a vida da autora e também pelo fato dela ter conhecido o lugar que serviu de cenário para seu romance. A obra *Frankenstein*, surgiu quase por acaso, numa noite de insônia no verão de 1.816, as margens de um lago na Suíça, quando um grupo de amigos, entre eles Lord Byron se reuniam a noite para lerem histórias de fantasmas em voz alta, bem como as teorias científicas da época, tais como, o galvanismo e as experiências do doutor Erasmus Darwin, no campo das lei orgânicas. Embalados por esses assuntos Lord Byron sugeriu aos demais amigos que cada um escrevesse um conto fantasmagórico.

Segundo um depoimento da própria autora no prefácio de edição do livro, quando foi dormir naquela noite viu um ser dar vida a uma criatura hedionda, em que nesse momento a autora está envolvida, em transe, “ Vi o pálido adepto das artes sacrílegas ajoelhado ao lado da criatura que construía. Vi, a aparência horrível de um homem dar sinais de vida, quando uma máquina poderosa entrou em ação, e se mexer em ação, e com um movimento desajeitado(...)”daí então surgiu a idéia de escrever o conto, que mais tarde por insistência do marido tornou-se romance. Segundo a própria autora seu marido queria que ela manifestasse o talento comum a sua família e também escrevesse seu nome nas páginas da fama. O conto iniciara no que hoje é o capítulo V do romance, no momento em que o ambicioso cientista Victor Frakenstein dá vida a sua criatura, a qual logo em seguida deixa abandonada no mundo.

Com esse romance, Mary Shelley, critica os pensadores Iluministas de sua época, que em nome da razão corroeram a tradição política e religiosa, os quais viam a razão, a ciência, e

a política como a única maneira de se chegar ao progresso. Na realidade o que Shelley faz em sua obra é condenar ao fracasso todo aquele que em nome da razão passar por cima das leis naturais e divinas, ignorando princípios morais e éticos. E ao mesmo tempo faz uma distopia à utopia científica de criar um ser humano perfeito, embora sua obra tenha sido publicada em 1.818, permanece atual até os dias de hoje, na pessoa dos cientistas Frankenstein que através da clonagem esperam criar um ser humano perfeito.

O ROMANTISMO EM FRANKENSTEIN

Como sabemos o Romantismo é resultado de dois acontecimentos marcantes na história da humanidade, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, desses acontecimentos resultaram o surgimento da chamada sociedade moderna. Com o advento do Romantismo o homem passa a ser o centro de si mesmo, do seu sentido de viver, de estar no mundo. Podemos dizer que a categoria psicológica do romantismo, seja o sentimento como objeto da ação interior do sujeito excedendo a condição de simples estado afetivo, tais como ; a intimidade, a espiritualidade e a aspiração do infinito.

A obra *Frankenstein*, da escritora inglesa Mary Shelley, foi escrita no auge do Romantismo, por isso é marcante algumas características pertinentes ao período na obra, como vemos no sentimento pessimista que Victor, o protagonista do romance tem em relação a existência, ele não aceita a morte e o sofrimento que ela trás, por isso busca um valor universal que a justifique. Vemos também o envolvimento com a religião, isso é mais propriamente com a autora, quando ela condena ao fracasso as pessoas que tentarem desobedecer e ou transgredir a ordem natural das coisas. Mas também podemos ver isso na ansiedade do personagem Victor, com os questionamentos do porque e para que da vida. Isso sem contar com a aspiração do infinito, Victor queria moldar um ser humano perfeito e vencer a morte, salvo aquelas ocorridas por atos de violência e acidentes.

Outra característica do romantismo presente na obra é o egoísmo, o herói romântico julga-se o centro do universo. Victor buscava honra e glória, com sua criação, mas ela não saiu como ele esperava, então ele a deixa abandonada, só num mundo marcado pela diferença, e pela contradição e acha que os problemas que atrai para si com advento de sua criação são os maiores do mundo. Observamos na obra o ideal romântico pincelado pela expectativa da união de dois personagens, no caso Victor e Elizabeth, a idealização acontece de duas formas no romance: a idealização do ser perfeito que será criado e a idealização da mulher amada. E o pensamento pessimista com relação as ciências e a razão, nesse caso, esse pensamento é da autora.

O romance também se enquadra nos padrões do Romance Gótico, que é caracterizado por ambientação sombria, um clima que inspira terror e horror, como vemos no laboratório de Victor, toda a trama é envolvida em suspense, as vezes para ter intervenção do sobrenatural, não se sabe se são anjos ou demônios. Frankenstein nunca sabe quando sua criação irá atacar e fazer mais vítimas, isso sem falar no clima romântico doentio, Frankenstein e Elizabeth estão

predestinados a se casarem desde crianças, vivem juntos como irmão, pode-se entender também como uma relação incestuosa, mas ao mesmo tempo o casamento não é consumado, pois Elizabeth é assassinada pelo monstro na noite de núpcias.

FRANKENSTEIN: A HISTÓRIA

Victor Franksenstein é um ambicioso estudante de filosofia natural, que desde criança não concorda com a morte nem com os sofrimentos causados por ela. Ainda jovem perde sua mãe, o que torna mais latente o desejo de estudar com mais afinco a transição da vida para a morte e da morte para a vida. Vai para a faculdade e lá conhece um professor com o qual parece estabelecer um vínculo de amizade. Esse professor lhe mostra o resultado de algumas de suas pesquisas, que o deixam bastante entusiasmado e com mais ânimo para prosseguir seu intuito de criar um ser humano perfeito. Durante um longo tempo Victor parece esquecer-se do mundo, vive trancado em seu laboratório estudando, deixando de comunicar-se até mesmo com a família.

Victor passa a procurar matérias prima em cemitérios, para moldar sua criatura, e a partir de pedaços de corpos diferentes, constrói um ser que para ele seria um ser perfeito, mas ao ver sua criatura com vida, fica espantado com a aparência dela, e a deixa só abandonada no mundo sem nenhuma instrução. Então a criatura passa a viver nas florestas alimentando-se de frutos silvestres e escondendo-se das pessoas, as quais ficavam apavoradas com sua aparência. E Victor após ter visto o quanto sua criatura era pavorosa diante dos olhos humanos fica doente e é cuidado pelo amigo, Clerval. Algum tempo depois recebe uma carta de seu pai, que lhe comunica a morte de seu irmão caçula, William, então retorna a Genebra para o funeral do irmão, onde vê a criatura a qual deu vida, escondida em meio à escuridão, e passa a suspeitar de que ela era responsável pela morte de seu irmão e indiretamente pela morte da criada Justine, a qual foi julgada e condenada pelo assassinato do menino.

Victor Frankenstein, decide ir procurar a criatura com medo de que ela cometa mais assassinatos, e a encontra em uma montanha gelada, onde ela lhe conta toda sua trajetória e em seguida lhe pede que crie uma companheira, e fala que tão logo tenha sua parceira deixará a humanidade em paz. A princípio Victor recusa a proposta, mas diante das juras que a criatura faz de isolar-se sem incomodar os seres humanos Frankenstein concorda em criar outro ser, mas acaba destruindo-o antes que ele esteja pronto e o “monstro” que a tudo observa jura vingar-se de seu criador e afirma que tirará dele todos aqueles que ele mais ama, ou seja, a família e os amigos. A criatura fala a Frankenstein que como ele não terá uma companheira e será sempre um ser solitário, seu criador também o será e diz que quando Victor se casar ele estará presente na noite de núpcias.

Algum tempo depois Victor retorna a Genebra e casa-se com sua prima Elizabeth, e durante alguns momentos parece esquecer-se das promessas do “monstro”. Viajam em lua de mel, e quando estão em uma hospedaria para passar a noite o “monstro” aparece e mata Elizabeth, aumentando mais ainda os sofrimentos de Victor. Quando o pai de Frankenstein fica sabendo da morte de Elizabeth não agüenta o sofrimento e morre. Depois desses acontecimentos Victor decide destruir a criatura a qual deu vida e deixou abandonado no mundo sem instrução alguma. Passa por todo tipo de sofrimento nesta busca desesperada, sobe até as geleiras do Ártico, de onde é resgatado por Walton, um navegador que também busca glória, como ele no início de sua carreira de cientista, lugar onde Frankenstein morre humilhado, e antes de destruir sua criatura, a qual se auto-destrói após constatar que seu criador já não vive mais.

INTRODUÇÃO

A literatura sempre despertou em mim interesse, isso acontece pelo seu caráter verossímil, ou seja, pela representação que faz do real, através da qual ela nos dá e nos devolve imagens das condutas humanas, da sociedade a qual pertencemos, enfim eu diria que a literatura através de seu caráter mimético, proporciona ao homem poder, pois lhe oferece mundos que são cópias das realidades vivenciados por ele e além disso, oferece-lhe uma compreensão parcial do mundo e da realidade que o cerca ao mesmo tempo que indaga sobre essa realidade.

Por esse motivo optei por trabalhar na área da literatura, para ser mais específica com a obra *Frankenstein* da escritora inglesa Mary Shelley, a qual foi escrita em 1.818, mas permanece atual até os dias de hoje. Isso por tratar de assuntos polêmicos que permeiam a atualidade, dentre eles a criação de um ser humano perfeito, objetivo almejado pelos cientistas, com a clonagem. O romance aborda questões relativas aos medos e fraquezas peculiares ao caráter humano, bem como faz uma reflexão sobre as atitudes dos seres, sobre como lidam com a religião, a diferença, a ética e a moral dentre outras coisas. Por tratar de assuntos ligados a existência do homem esta obra continua atual mesmo depois de quase três séculos de publicação.

Como já mencionamos anteriormente a obra discorre sobre vários assuntos inerentes ao caráter humano, por isso apresenta várias perspectivas de análises, mas neste trabalho estarei enfatizando a questão da religiosidade fazendo um paralelo com questão da clonagem tão discutida pelos cientistas contemporâneos, que planejam fazer um ser humano ideal com isso visando a imortalidade e ao mesmo tempo burlando uma lei natural de que só Deus tem o direito e o poder de dar vida. É com essa prerrogativa que o personagem do romance Victor Frankenstein, estudante de filosofia natural, dá vida a matéria inanimada, em decorrência disso trás para si tristeza e destruição.

FRANKENSTEIN, A OUSADIA DE CRIAR UM SER

Como foi dito no início deste trabalho estaremos analisando a obra *Frankenstein*, a qual pertence ao romantismo inglês, sobre o prisma religioso, pois acreditamos ser pertinente uma, vez que a autora parece condenar ao fracasso todos os que se enveredam pelos caminhos da ciência e tentam, ou criam um ser “humano perfeito”. Podemos dizer que nesta obra Mary Shelley transforma em distopia a utopia dos cientistas e nesse caso mais especificamente de seu personagem, Victor Frankenstein, de transgredir uma lei natural e divina e dar vida a matéria inanimada, e assim rivalizando-se com Deus o Senhor da criação.

Victor Frankenstein é um ambicioso jovem estudante de história natural que desde criança não concorda com certas leis que regem o universo, a morte é sua principal rival. Ainda criança inicia seus estudos sobre magias antigas, ou seja, a alquimia, e percebemos que desde jovem tem uma sede insaciável pelo saber, ao mesmo tempo que parece ter uma consciência profética de que isso arruinará sua vida, mas isso não é empecilho para que ele continue seus estudos até alcançar seu objetivo almejado, o poder da criação. No intuito de alcançar o poder de dar vida a matéria inerte, assim logrando a morte, Frankenstein busca com isso também honra e glória pessoal. Persistente em seus estudos e estuda incansavelmente cada fase de transição da vida para a morte e vice e versa. “efetivamente, após dias e noites de incrível esforço e cansaço, logrei descobrir a causa fundamental da geração da vida.” (SHELLEY, 1998, p. 47). Partindo da premissa religiosa, Victor erra somente em pensar em burlar as leis naturais e de Deus e dar vida a um ser, quanto mais em levar a sério sua empreita e de fato dar vida a uma criatura inanimada.

Frankenstein, usurpa de Deus o poder da geração da vida e com isso trás para si tristeza e sofrimento, isso é uma forma de preço que terá de pagar por sua ousadia, pois ao dar vida a um ser rivaliza-se com o Criador pois o poder da criação pertence somente a ele, “Se tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe pode acrescentar, e nada lhe tirar; e isto faz Deus para que os homens o temam diante dele.” (Ec.3.14) . Partindo da afirmação que só Deus pode dar a vida, esse conhecimento é vedado ao homem , então se ele persiste em atuar nesse conhecimento e eventualmente conseguir manipulá-lo ele quebra uma ordem natural e por isso é punido.

No discurso de Frankenstein vemos o vislumbamento, a vaidade e a ambição que permeiam suas atitudes. Após o longo período de suas pesquisas, descobre o poder da geração da vida, esquecendo-se de uma série de preceitos das leis naturais sente-se o mais importante

dos homens e diz : “(...) entre tantos homens de gênio que haviam dirigido suas indagações no mesmo sentido, está reservado somente a mim a revelação de um segredo tão espantoso.” (SHELLEY, 1998. p. 47). Com essa citação vemos claramente a vaidade de Frankenstein, pois em meio a tantos gênios das ciências só ele conseguiu o prodígio de dar vida a matéria inanimada. E vai mais longe, pois acredita que não teve a ajuda de ninguém, que seu poder é meramente científico e que é por seu esforço e dedicação que descobre a causa da geração da vida; “ E, mais do que isso, tornei-me capaz de animar a matéria sem vida.” (SHELLEY. 1998.p.47). Segundo SHATTUCK (1998) Frankenstein é um jovem desconhecido em busca de fama, única salvação possível para seu mundo sem fé, por isso atira-se na tentativa fanática de criar vida humana, ato tradicionalmente reservado a figuras divinas. Bem sucedido encontra perdição.

Vemos que Frankenstein é tão ambicioso e procura através de suas experiências científicas honra e glória, pois seria o primeiro homem a desvendar os laços da morte e da vida. Em sua ambição desenfreada desrespeita e profana túmulos, lugar que segundo ele era apenas depósito de vermes, lugar onde ele encontraria matéria prima para criar seu ser idealizado, como mostra o fragmento; “ As trevas não exerciam qualquer efeito em minha imaginação, e um cemitério não significava para mim mais do que um depósito de corpos privados de vida que, de repositório de força e beleza, haviam passado a pasto de vermes.” (SHELLEY. 1998.p. 47). Frankenstein tem em seu caráter tudo que necessita para criar um ser, pois é audacioso, corajoso, atrevido e insolente. Utiliza a coragem para ir a um cemitério durante a noite, audácia para desenterrar os cadáveres, atrevimento em cortar os pedaços dos corpos e insolência para levar os pedaços até seu laboratório sombrio. Observa-se também que ao juntar e costurar os pedaços de corpos humanos e levar a vante sua experiência para criar o ser, Victor desrespeitou também as regras de comportamentos estabelecida pela sociedade, uma vez que violou túmulos que pertenciam aos familiares de pessoas mortas. Frankenstein queria através de sua descoberta vencer doenças e alcançar a sonhada imortalidade, objetivo também pretendido pelos cientistas contemporâneos que através da clonagem pensam em criar um ser humano perfeito. Por esse ponto de vista, podemos dizer que embora as teorias e métodos sejam diferentes entre realidade e ficção, os objetivos são os mesmos, vencer a morte, ou pelo menos as de causas naturais.

Frankenstein, na busca desesperada vencer as barreiras da morte, não teme diante de nada, durante o tempo em que está na faculdade isola-se do mundo, tranca-se em seu laboratório sombrio, e dedica-se apenas a estudar e a planejar como seria moldada sua

criatura. Frankenstein lida até mesmo com forças sobrenaturais, parece ter algo de mórbido ou macabro no comportamento dele, bem como ao mesmo tempo parece que tem algo de profético, percebemos isto nas palavras de Walton, “Ele parece perceber seu grande valor e a dimensão de sua queda.” (SHELLEY, 1998.p.) pois ele parece ter certeza de que conseguirá dar vida a um corpo inerte, assim como também parece ter noção do preço que pagará por tanta ousadia e presunção.

Victor embora fosse presunçoso, e buscava glória pessoal acima de tudo, não estava preparado para tal empreita, porque assim que da por concluída sua criação e após constatar que ela era o extremo oposto da criatura que idealizara, ele a abandona sem qualquer instrução. Isso porque a criatura era feia, pavorosa, afinal de contas o que ele esperava, uma vez que fez seu rebento a partir de pedaços de corpos de pessoas diferentes. Frankenstein é mais um menino rico e caprichoso que tem todos seus desejos realizados, por isso que em sua insana empreita de dar vida a matéria morta, não pensa nas conseqüências que terá de enfrentar, embora pareça que ele nasceu destinado à esta tarefa. Estuda com tanto esforço a transição da vida para a morte e da morte para a vida, que esquece de tudo que lhe é mais caro na vida; a família. Ele se torna um cientista louco, utópico e obcecado por sua criação, só lembra de sua insanidade depois que vê sua criatura respirando; “À luz bruxuleante da vela, quase extinta vi abrirem-se os olhos amarelos e baços da criatura. Respirou. Sim, respirou com esforço, e um movimento convulso agitou-lhe os ombros.” (SHELLEY, 1998.p. 52)

Após o término de sua obra, constata que ela é a coisa mais feia e hedionda que já viu, e segundo SHATTUCK (1998) Frankenstein depois que vê sua obra acabada, percebe o horror e a catástrofe que criou com as próprias mãos, pois a criatura que queria moldar era de beleza esplêndida, ou seja, bem diferente da qual deu vida. E seu egoísmo e imaturidade o fez renegar o ser o qual deu vida, isso porque depois de consumada sua experiência, ele não conseguia nem encarar-la de tão feia e pavorosa que ela era a seus olhos, ou melhor, de qualquer ser humano, se nem Frankenstein que era o criador não conseguia contemplar, “(...) e eu tinha diante dos olhos um ser que me enchia de terror e repulsa.” (SHELLEY, 1998.p.53), imagine as outras pessoas, que atoladas em seus mundos fechados não compreendem a diferença de seus semelhantes quanto mais a de um ser criado em laboratório. Aqui temos outro ponto bastante interessante e também ligado ao assunto clonagem, será que confiaríamos num ser humano clonado? Se não confiamos nem mesmo nos que são concebidos de maneira natural, com alma própria, caráter imagine um ser clonado, em que

não saberíamos sua índole. O problema é dado ao aumento da violência, não confiamos em ninguém, a verdade é essa.

Podemos dizer que a coragem que o personagem Victor possui, é bastante parecida com a da autora, que ainda muito jovem escreveu essa obra, que com certeza foi motivo de críticas fortíssimas, por parte da sociedade de seu tempo. Conforme SHATTUCK (1998), as circunstâncias que envolveram a vida de Mary Shelley oferecem indicações claras dos motivos que a levaram a escrever seu romance, e terminá-lo em apenas um ano apesar de ser tão jovem. Shelley parece levar um pouco dos acontecimentos dramáticos de sua vida para dentro de sua obra.

Pensamos que Victor Frankenstein, quebra duas leis naturais, a primeira quando passa por cima de todos os princípios éticos, morais e religioso e injeta vida a um corpo morto, a senga quando rompe com o paternalismo bíblico, sim porque ele como pai, criador, ele deveria prover seu rebento, tanto no que se refere a alimentação quanto instrução. Mas ao perceber que sua criação não tem uma aparência física dotada de beleza ele se assusta e a deixa abandonado no mundo sem quaisquer tipo de instrução. Sendo assim desfaz-se dela como se fosse um brinquedo que se deseja e depois de tê-lo perde-se o interesse e se joga fora. Mas numa sociedade paternalista e cristã não é assim que as coisas funcionam, os pais são responsáveis e provedores dos filhos, nasçam eles feios ou bonitos, perfeitos ou deficientes.

Cabe aos pais educar os filhos, independente de como nasçam, isto é uma questão ética moral e religiosa, os filhos não pedem para nascer, assim o “monstro” não pediu para ser criado, as circunstâncias que permearam seu “nascimento”, foi meramente a ambição intelectual de seu criador. Será que se a criatura fosse dotada de beleza Frankenstein teria a abandonado? Acreditamos que não. Impossível acreditar que um pessoa que almejava honra e glória, ou seja, ser reconhecido mundialmente por meio de sua criação, a esconderia, a abandonaria caso fosse bela. Como sabemos Victor Frankenstein nasceu em berço de ouro, tudo quanto queria sempre lhe foi possível realizar, então era natural que em sua cabeça insana lhe fosse possível dar vida a uma criatura mais bela e perfeita que as de Deus Criador e até mesmo vencer a morte.

Mas logo que Frankenstein vê seu prodígio terminado, e sua aparência não o agrada, ele percebe a dimensão do seu erro, e acredita que recebeu um castigo divino pelo tamanho de sua afronta e por lidar com conhecimento proibido aos seres humanos; “Oh, surpresa aterradora! Oh, castigo divino! (SHELLEY,1998.p.52). Neste momento Frankenstein percebe que se rivalizou com Deus, e que recebeu um castigo por sua ousadia. Acreditamos que ele

estava tão absorto em seu ideal de criar um ser perfeito, que se esqueceu dos preceitos religiosos, mas ao dar por concluída sua empreita, teve um encontro com Deus. Nesse momento a autora parece condenar ao fracasso todo cientista que tentar romper com as leis da natureza.

Depois que se depara com sua aberrante criação, Frankenstein reconhece seu erro, e não agüenta o peso de sua consciência e fica gravemente doente, e durante esse tempo é cuidado por seu amigo Clerval. Quando estava recuperando de sua convalescença, recebeu uma carta de sua prima e amada Elizabeth lhe informando notícias da sua família e logo em seguida recebe uma carta de seu pai lhe comunicando sobre a morte de seu irmão caçula, William, e ao mesmo tempo falhe que Justine, uma das criadas é presa acusada pelo assassinato do menino. Neste período Frankenstein retorna para sua cidade natal, Genebra, onde no enterro de seu irmão reencontra sua monstruosa criatura, no mesmo instante tem presságios de que ela é diretamente responsável pelo assassinato de seu irmão. Interessante que Victor descreve o cenário do funeral do irmão e lugar onde reencontra sua criatura, como se fosse um cenário de filme de terror, uma ambientação sombria envolta em trevas impenetráveis. Então uma preocupação abateu sobre Victor que já a quase dois anos não via sua criação, seria aquele o primeiro dos crimes que ele praticara. E naquele momento teve a certeza de que colocou no mundo uma criatura capaz de cometer crimes horríveis e hediondos. Neste momento Victor percebe sua atitude de dar vida a matéria inanimada foi um fracasso, nada que ele possa fazer reverterá as causas provocadas por sua experiência. Para SHATTUK (1998) Ninguém é capaz de redimir a destruição que Frankenstein deixou atrás de si.

Além da morte de Willian uma inocente fora acusada pelo crime, julgada Justine foi considerada culpada e foi enforcada, de nada valeram os esforços de Elizabeth, para salvá-la. Enquanto isso Victor Frankenstein ficava com sua alma cada vez mais atormentada, pois se sentia co-autor dos assassinatos cometidos por sua criatura. Depois desses acontecimentos Victor mergulha na mais profunda solidão e alimenta dentro de si um desejo obcecado em destruir sua criatura, ao mesmo tempo que sente um medo terrível do “monstro” vingar-se dele atingindo as pessoas que ele mais amava. Decidido a qualquer preço a por fim a vida que criara Victor parte para o encontro com sua criação no intuito de destruí-la assim que tiver a oportunidade de encontrá-la. Percorre cominhos longínquos, sobe o Mont Blanc, descreve lindas paisagens, que não lhe servem de consolo, pois sua alma está envolvida nas sombras, nas trevas, achando nem mesmos as belezas do céu pode aliviar seu estado de espírito.

Acreditamos ser pertinente dizer que Victor é extremamente egoísta pois pensa apenas em seu sofrimento, esquece-se de que deixou sua criação isolada no mundo sem qualquer instrução.

Assim que avista sua aberrante criação nas montanhas geladas e envolvidas em névoas, Frankenstein, a observa pela primeira vez durante o dia e percebe o quanto ela é pavorosa diante de olhos humanos, então sente ódio e repulsa por sua criação. Antes mesmo que o “monstro” possa dirigir-lhe a palavra, Frankenstein começa a amaldiçoá-lo:

— Maldito! exclamei. — Como ousa aproximar-se de mim? Não teme a vingança do meu braço sobre essa cabeça diabólica? Vá-se, verme asqueroso! Ou, antes, fique, para que eu possa espezinhá-lo, fazendo voltar ao pó de onde o tirei. Embora eu não possa, pondo fim a sua existência maligna, fazer voltar à vida aqueles que você assassinou com suas artes demoníacas! (SHELLEY, 1998, p.93)

Neste fragmento podemos ver claramente como Frankenstein compara-se com Deus, pois quando diz que fará sua criatura voltar ao pó, remete as escrituras sagradas, mais especificamente ao Gênesis, com a história da criação do mundo, em que consta que Deus fez o homem do barro e do pó. Aparenta um poder que na realidade não tem mais, até mesmo porque o ódio já tomou conta de seu sentimento, já não age mais usando a razão e a lógica, prerrogativa que antes tinha como cientista.

Em contrapartida o “monstro” fala que esperava por aquela recepção, e em seguida demonstra as amarguras e ansiedades que trás dentro de si;

— O destino dos desgraçados é ser odiado por todos. Mas porque devo ser odiado, eu, que sou mais miserável que todos os viventes? Entretanto você, meu criador, detesta e abomina sua criatura, a quem está ligado por laços que só a aniquilação de um de nós pode dissolver. Sua intenção é matar-me. Como se atreve a brincar assim com a vida? Cumpra seu dever para comigo, e cumprirei o meu para com você e toda humanidade. Vou expor minhas condições. Se concordar com elas, deixarei em paz os homens. Caso contrário, continuarei a saciar a sede da morte, até que ela se farte do sangue dos amigos que lhe restam. (SHELLEY, 1998, p.93),

No depoimento do “monstro”, percebemos que ele, parece ter mais consciências das atitudes de Victor do que ele próprio. Na realidade o que o “monstro” quer é exigir os direitos que tem como “filho”, pois afirma que entre eles existe um vínculo tão forte que só será quebrado caso aconteça a destruição de um deles. Outro momento que vemos a perspicácia da criatura é quando ela questiona seu criador sobre seu atrevimento em brincar com a vida. Se não tinha responsabilidade nem maturidade para lidar com conhecimentos vedados ao homem não deveria ter persistido nesse caminho, uma vez que suas experiências teve resultados catastróficos. Cabia a ele a responsabilidade de redimir os atos provocados por suas atitudes,

sendo ele co-responsável pelas ações de sua criatura, afinal de contas ela não pedira para ser criada, mas agora era tarde, pois já vivia e tal qual seres viventes precisava de instrução, apoio, e cabia a Frankenstein como criador cuidar de sua educação.

Até mesmo o “monstro” se compara com Adão, mas acha que o castigo que recebe de seu criador e imerecido sendo assim, parece mais um anjo decaído, uma vez que ele foi colocado e abandonado no mundo sem nenhuma instrução, ao passo que o Adão Bíblico recebe instrução de seu criador, ou seja, erra consciente, por isso é punido e banido do paraíso. Ao mesmo tempo que explica a seu criador que tinha boa índole, mas que a diferença e o preconceito é que o tornaram daquela forma. Concordamos com o ponto de vista do “monstro”, pois as pessoas não são boas ou más ao nascerem é a sociedade que educa moralmente seus membros.

Então o “monstro” narra a sua história a Frankenstein, os sofrimentos pelos quais passou, solto mundo, só sem ninguém com quem pudesse conversar, passando fome, frio enfim por todo tipo de privação. O “monstro” fala-lhe como descobriu seu criador e como instruiu-se só sem a ajuda de ninguém. Cita-lhe as obras pelas quais se instruiu, as quais são; *Paraíso Perdido*, de Jhon Milton, um volume das *Vidas Paralelas*, de Plutarco, e *Os Sofrimentos do Jovem Werther* de Goeth. E comenta o tipo de sentimento e emoção que cada obra lhe provocou no espírito. Os conflitos existências que dividiam sua alma e inquietava-lhe o espírito, em que percebemos que *O Paraíso Perdido*, teve importância crucial para ajudá-lo a compreender parcialmente sua situação, como mostra o fragmento abaixo:

Já o *Paraíso Perdido* produzia-me emoções de outra espécie, muito mais profundas. Li-o tal como os “outros volumes de” que me apossara, como se fosse história verdadeira, que, nesse caso, me despertava todos os sentimentos de admiração e terror que a figura de um deus onipotente, combatendo suas próprias criaturas. Era capaz de excitar. Por vezes relacionava várias situações com a minha própria. Tal como Adão, eu não era ligado por qualquer elo a outro ser existente, mas suas condições eram bem diversas das minhas em todos os sentidos. Ele fora produzido pelas mãos de Deus como uma criatura perfeita e feliz, sob a proteção de seu criador; tinha a faculdade de comunicar-se com seres de natureza superior e beber-lhes o conhecimento, mas eu era desgraçado, desamparado e só. Muitas vezes considerei satã como um símbolo mais adequado à minha condição. De fato, não raro, como, ele, o fel da inveja me espicaçava ao ver a felicidade dos meus protetores. (SHELLEY, 1998, p. 124)

Com o fragmento acima, percebemos, que o “monstro” estava dividido, vivendo um conflito existencial, não conhecia suas origens, estava mergulhado num mundo de luz e trevas, ora se comparando a Adão ora a demônios, embora suas aspirações sejam nitidamente humanas. De acordo com SHATTIUK (1998) O monstro demasiado humano que

honestamente tentou, ainda que de modo implausível, socializar-se e educar-se, comete quatro assassinatos, mata aqueles que Frankenstein mais ama. Isso depois de descobrir seu criador, mas tudo acontece por acaso ao encontrar alguns papéis da roupa que pegara no laboratório de Franskesntein no dia em foi criado.

No decorrer do romance percebemos que o “monstro” era bom e tinha bons sentimentos, tentava se aproximar das pessoas com boas intenções, mas por causa de sua aparência física as pessoas tinham medo dele e fugiam sem deixar que ele mostrasse suas qualidades. Com isso ele se refugia numa casa perto de uma floresta e passa a viver lá sem que proprietário perceba sua presença e passa ajudar a uma família que vivia ali, que acreditava estar sendo ajudada por divindades. Isso encoraja a criatura a mais uma vez tentar se aproximar dos seres humanos, dessa vez era mais fácil, pois o homem com quem foi falar era cego, portanto não veria sua aparência hedionda, mas sim conheceria sua beleza interior.

Acontece que no momento em que ele conversa com o velho cego o filho dele chega inesperadamente e começa a agredi-lo, sem sequer saber o que estava acontecendo, sem deixar que ele se explicasse. A partir de então o “monstro” se revolta contra seu criador e decide vingar-se dele, que a seus olhos era o único culpado por ele estar abandonado no mundo, sem conhecer si quer suas origens. Por tê-lo feito a ponto de causar pavor e repugnância nas pessoas, e por não ter criado uma criatura capaz de viver em companhia das outras pessoas, se bem que se as pessoas tivessem tolerância para conviver com diferença boa parte desse conflitos teriam sido evitados. Como isso na sociedade, surge o desejo de vingança, ele começa a matar os amigos e familiares de Victor Frankenstein.

Não enxergamos o “monstro”, como uma criatura má e vingativa, sua atitude parece ser mais um revide, a forma com a qual foi tratado pelo seu criador, bem como por parte das pessoas com as quais teve algum tipo de contato e julgava ser suas amigas, só a título de exemplo:

Então era essa a recompensa pela minha boa ação! Eu salvara um ser humano e em paga me contorcia de dor por causa do ferimento, que rompera carne e ossos. Eis que novamente os bons sentimentos que ainda a pouco alimentava voltavam a dar lugar a um furor infernal. Mas a agonia da minha dor foi mais forte: minha pulsação interrompeu-se e perdi os sentidos. (SHELLEY, 1998,p.136).

A maldade humana, preconceituosa e intolerante, aciona por assim dizer, o instinto de maldade da criatura, que abandonada no mundo sem nenhum tipo de tutela e passando por todo tipo de dificuldades busca uma vingança que não é gratuita, mas fruto de ressentimento

que vem em consequência por todos tipos de problemas pelos quais passou. Como podemos ver na citação acima, mesmo que tenha sido agredido, os ferimentos que lhes foram desferido no corpo não doíam tanto quanto os que trazia na alma. Assim cabe dizer que a maldade do “monstro” pode ser justificada.

No decorrer do romance, podemos observar que é só depois que o “monstro” passa por todo tipo de sofrimentos e humilhações que decide vingar-se de seu criador, aí então começa seu reinado de sangue e terror. Começa matando o irmão mais jovem de Victor, e causando outra morte a de uma pessoa inocente, a criada Justine que é presa e condenada a morte por ser acusada de matar o menino. Daí então começa a perseguição a Victor.

Depois de contar toda sua trajetória a seu criador o “monstro” exige de Frankenstein uma companheira, pois vive numa solidão sem fim, afirma que assim que tiver sua companheira ele desaparecerá do convívio da humanidade. Observamos como a questão da aparência é tratada na obra como algo fundamental. O “monstro” é privado do convívio humano porque é feio, ou seja, não tem boa aparência e parece que ele aprende bem a intolerância e a hipocrisia que marca não só a sociedade da época bem como a de hoje, tanto que pede a Frankenstein uma companheira de condição similar a sua; “Quero que você apenas me dê uma companheira, semelhante a mim, tão hedionda quanto eu.” (SHELLEY, 1998, p. 141). O “monstro” não queria correr o risco de ser rejeito por sua companheira, caso ela fosse diferente dele poderia rejeitá-lo como os demais seres humanos. Embora Frankenstein a princípio não concorda com a idéia de dar vida a outra criatura como a primeira que criara, embalado pela promessa que a criatura fizera de desaparecer assim que tivesse sua companhia, Victor decide a dar ao “monstro” uma parceira.

Quando Victor entra novamente em seu laboratório para criar outro ser, parece estar mais amadurecido faz conjecturas que antes não fazia. Pensa como seria o caráter da criatura que iria moldar dessa vez. Seria ela como a anterior? Parece estar imbuído de princípios éticos que antes não tinha, como vemos em; “Tinha eu o direito de, em meu próprio benefício, infligir tal maldição às gerações vindouras?” (SHELLEY, 1998, p. 161). Isso porque quando deu vida à primeira criatura, a qual deixou jogada no mundo não tinha essas preocupações, estava pensando apenas em si mesmo e na glória que teria ao conseguir reanimar a matéria inanimada. Mas num arroubo de consciência Victor destrói a segunda criatura que ainda estava sendo moldada, o “monstro” assiste a tudo e num ato alucinado jura vingar-se, dizendo a Victor que ele é seu criador, mas que ele é o senhor dele. A criatura fala

a Frankenstein que se ele se sente um desgraçado muito mais será, em seguida faz uma lamentação sobre sua condição;

Todo homem_ bradou ele_ tem direito a uma esposa, toda besta-fera encontrará sua companheira, e somente a mim isso será negado? Meus sentimentos afetivos pagos com ódio e opróbio . você, homem!, pode alimentar o ódio. Mas cautela! Suas horas hão de passar-se em terror e infortúnio, e não tardará em despenhar-se o raio que destruirá para sempre sua felicidade. Julga-se com direito a ser feliz enquanto eu vivi na maldição? Você pode privar-me de tudo a que eu possa aspirar. Mas não pode impedir minha vingança. Vingança que será doravante tão vital para mim quanto ar que alimento! Posso morrer; mas primeiro você, meu tirano e meu carrasco, amaldiçoará a luz que assistirá à sua desgraça. Cautela, porque sou corajoso e, por isso mesmo, poderoso. tenho a astúcia da serpente e sei usar a peçonha. Homem! Você se arrependerá de suas ofensas! (SHELLEY,1998,p. 163).

O “monstro”, fala sobre sua condição, como a pior que um ser pode passar, até mesmo os animais tem suas parceiras, até mesmo o demônio tem seus seguidores e ele vive isolado no mundo sem conversar com ninguém, as pessoas não toleram sua aparência. Ele contentemente com um sentimento de rejeição e inadequação, por isso cobra de seu criador uma companheira e vendo-a ser destruída vê que seus desejos e sonhas jamais serão realizados, jura vingar-se de seu criador. A vingança do “monstro” é uma vingança justificada embora não concordamos com a série de assassinatos cometidos por ele. Privado da companhia das pessoas, sendo incapaz de ter alguém para a amar, priva seu criador da companhia das pessoas que ele ama . Não obstante Victor é acusado de matar seu amigo Clerval e é preso na Hirlândia, onde seu pai vai buscá-lo.

Ao retornar a Genebra Frankenstein parece que sente um pouco de alívio dos problemas, mesmo que por pouco tempo. Encontra-se com sua amada Elizabeth, marcam o casamento e durante esse tempo parecer esquecer-se das ameaças do “monstro”, ou melhor, afirmações. Observamos que ele consegue isso com a mudança do tempo, quando é noite, a escuridão domina e, ele fica atormentado com seus pensamentos terríveis, e durante o dia, com o sol a claridade consegue dar uma brancura, um alívio em seus pensamentos: “ sob a influência do ar puro e do sol, voltava com aparência mais tranqüila (...)” (SHELLEY,1998,p.145, 146). Isso pode acontecer porque durante a noite, em meio à escuridão, num clima sombrio a criatura atacava escondida dos olhos curiosos da humanidade deixando um rastro de sangue, e durante o dia ele se refugiava para não ser visto pelas pessoas, assim evitando sofrimentos.

Partindo do ponto de vista religioso, a dicotomia dia e noite também pode ser interpretada como, luz e sombra, céu e inferno, que na obra, a autora usa para mostrar o conflito existencial vivenciado por Victor Frankenstein e pelo “monstro”. Ambos não sabem como encarar os problemas desencadeados pelas experiências de Frankenstein, eles vivem divididos como anjos e demônios, criatura versus criador. Ora Victor é o senhor de sua criação, ora é escravo dela, constituindo assim uma ironia para quem aspirava reconhecimento e glória. Segundo a filosofia cristã existe o conceito de desgraça, e como Victor quebra uma lei da natureza ao criar uma outra forma de vida, terá que pagar, sendo assim torna-se um desgraçado, e ironicamente passando de cientista ambicioso a pobre moribundo.

Frankenstein se casa com Elizabeth ignorando as ameaças e advertências do “monstro”, e durante um curto período tem alguns momentos de felicidade, a qual é interrompida pelo “monstro” que assassina sua esposa na noite de núpcias, conforme prometera a Frankenstein, na ocasião em ele destruíra a companheira que a criatura pedira. Ao ver a esposa morta, Victor é tomado por um sentimento de vingança insana. Volta para Genebra fala da morte de Elizabeth a seu pai, que sucumbe a tal notícia, aumentando mais ainda a ira de Frankenstein contra sua criatura. A partir daí, ele começa a perseguição ao “monstro”, e inúmeras vezes coloca sua vida em risco nas montanhas, nas geleiras, pois tal é o desejo de destruir a criatura que deu vida, e tornou seu martírio e tormento. Além disso às vezes teme morrer sem destruir sua criação, e isso, lhe aterroriza o pensamento.

Depois de um longo tempo no encalço do “monstro”, Frankenstein já cansado e abatido pelos fados, ele parece viver do sentimento de vingança que alimenta contra o “monstro”, que assassinou sua família de um modo tão cruel. Percorre diversos lugares longínquos, de difícil acesso a seres humanos e vencido pela fome e pelo frio, Frankenstein muda de um cientista ambicioso a pobre moribundo que necessita de ajuda, então muda de postura e passa a acreditar em coisas que antes não acreditava; como espíritos e anjos, e mais, chega a acreditar que algumas vezes é salvo por essas divindades; “Outras vezes, quando, vencido pela fome, sucumbia a exaustão, surgia-me como que pela mão de um anjo, algo que me restaurava e me instigava o ânimo.” (SHELLEY, 1998, p. 197)

Numa de suas andanças em perseguição ao “monstro”, já doente e cansado, Frankenstein encontra um navegador, Robert Walton, que também procura glória. Walton recolhe Frankenstein em seu navio que conta toda sua história cheia de amargura e sofrimento, ele fala que a ambição que o movia no início de sua carreira, o empurrará para um inferno; “Todas as minhas especulações e esperanças são nulas e, tal como o arcanjo que

aspirou a onipotência, estou acorrentado num eterno inferno.” (SHELLEY, 1998, p. 204). Nesse momento vemos um Frankenstein que sabe que ira pagar por seus erros. Não trás mais para si a prerrogativa de Deus Criador, mas compara-se a Lúcifer que rivaliza-se com Deus em busca de poder. Notamos que ele quer mostrar para Walton que no caminho para o conhecimento os seres humanos podem encontrar tristeza e sofrimento.

Mesmo sofrendo por perder tudo que tinha na vida Frankenstein ainda se encontra dividido entre questões éticas, certas e erradas, as vezes mostra-se insensato e em alguns momentos deixa que a ambição intelectual fale mais alto, vemos isso quando os tripulantes do navio de Walton não querem seguir viagem, mas retornarem ao ponto de partida, e ele tenta persuadi-los, mostrando a glória que eles terão se chegarem ao final do empreendimento;

— Que querem dizer? Que exigem de seu capitão? Não chamavam esta expedição de gloriosa? E porque gloriosa? Não porque o caminho fosse fácil e suave como num mar meridional, mas porque era cheio de horrores e perigos, porque a cada incidente exigia coragem e força para ser superados, porque o perigo e a morte e lhes competia desafiá-los e vencê-los. Por isso era gloriosa a expedição, por isso era uma empresa de honra. Depois disso, vocês seriam recebidos como benfeitores da espécie humana. Seus nomes, citados como bravos que defrontam a morte pela honra e em benefício da humanidade. (SHELLEY, 1998, p. 207)

Mesmo depois de ter passado por toda sorte de sofrimentos, resultados de suas experiências que deu origem a uma forma de vida diferente e em seguida deixou abandonada no mundo, sem se quer ter um nome, sim porque a criatura é conhecida pelo sobrenome do criador, e quem chama a atenção para as questões morais e éticas na obra é a criatura e não o criador. Depois ainda deixa reaparecer o cientista fanático e utópico. Como já dissemos Victor vive dividido, parece que carrega dentro de si o estigma do bem e do mal, uma mistura de anjo e demônio.

Seu comportamento oscila muito, as vezes deixa reaparecer o cientista ambicioso e ao mesmo tempo muda de postura e compreende que agiu de maneira errada, como quando reconhece que deveria cuidar e instruir a sua criação, assim como os pais são os provedores de seus filhos; “ (...) criei uma criatura racional, cabia-me, dentro do limite dos meus poderes, assegurar-lhe a felicidade e o bem estar. (SHELLEY, 1998, p. 210). Todavia é tarde demais para esse tipo de pensamento, pois os fatos que se desencadearam de suas atitudes não são mais passíveis de remissão. A autora parece condenar Frankenstein ao fracasso; só a título de exemplo:

Mary permanece severa e inflexível. Seu julgamento das ações presunçosas e egoístas de Frankenstein ao criar e depois abandonar uma nova forma de

vida jamais se abranda durante o romance. Não economiza palavras para dizer-nos que, apesar de todo esforço seu prometeu moderno não merece a glória que procurava, mas sim a morte humilhante que encontra nas vastidões ermas do Ártico. (SHATUCK, 1998, p. 104)

Frankenstein vive constantemente atormentado pelo medo, mas não é temor de pagar por sua audácia, disso ele já tem consciência, na realidade teme morrer antes de destruir sua criatura, o que seria presságios de continuidade de uma série de crimes hediondos. Mal sabe ele que a vida de sua criatura só tem sentido se a de seu criador existir. Entretanto logo em seguida em conversa com Walton, já quase sem vida, usando seus últimos minutos aconselha-o a procurar viver sem ambição, “ Adeus, Walton! Busque a felicidade num viver tranqüilo e evite ser dominado pela ambição, mesmo que essa, aparentemente construtiva, de distinguir-se no campo da ciência e dos descobrimentos.” (SHELLEY, 1998, p. 211). Neste trecho dá-se a entender que, ele se arrependeu do que fez e, aconselha o amigo a não trilhar o mesmo caminho que ele, assim também encontrando a perdição.

Mas logo depois deixa seus instintos de cientista ambicioso em busca de glória reaparecer; “ Mas porque falo isto? Na verdade, se eu me arruinei nessas esperanças, pode ser que outro seja bem sucedido.” (SHELLEY, 1998, p. 211). Vemos que mesmo na hora da morte, mostra pela última vez o fascínio exagerado que tem pelas ciências naturais, mesmo em sua morte deixa que os impulsos vaidosos que destruíram sua vida fale por ele, e tenta passar o bastão para que outros cientistas continuem, pois talvez num futuro conseguirão moldar um ser humano perfeito, ou seja, não é porque ele não conseguiu criar um ser perfeito que outros com o mesmo intento não conseguirão. Mais uma vez, Frankenstein deixa que a ambição intelectual e a sede de conhecimento que destruíram sua vida reapareçam, parece que não aprendeu a lição; “ Porquê na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta ciência aumenta tristeza.” (Ec.1:18) . Victor, em sua busca descomedida por conhecimento ultrapassou todos os preceitos estabelecidos pela religião e pela sociedade e, assim como Adão que comeu o Fruto da árvore do conhecimento foi duramente castigado por isso.

Frankenstein morre praticamente só, humilhado e aterrorizado pois isso acontece antes que ele possa destruir sua criatura, a qual se auto-destrói depois que vê seu criador morto. Numa atitude auto-flagelação. Morto seu criador sua vida perde o sentido. Ironicamente quem almejava honra e glória morre moribundo e no anonimato; “Shelley não escalou batalhões de anjos para levá-lo. Não há perdição feliz. Ninguém é capaz de redimir a destruição que Frankenstein deixou atrás de si.” (SHATTUCK, 1998, p. 105)

No exemplo que Shelley nos dá com a ambição intelectual de seu personagem, vemos que a vaidade da inteligência humana mal conduzida, faz com que as pessoas percam seus valores e, se conduzam para um caminho sem volta, como o de Victor Frankenstein. Cominho não aprendido pelos cientistas contemporâneos, que insistem em criar um ser humano perfeito, sem pensar em questões éticas, morais e religiosas. E até mesmo sem pensar em como seriam estes seres criados em laboratórios, que tipo de caráter teriam, como reagiriam eles caso soubessem de suas origens? As dificuldades seriam inúmeras, uma vez que as pessoas não aceitam e não compreendem nem mesmo as diferenças de seus semelhantes imagine a de outras formas de vida. Fariam com suas criações o mesmo que fez Frankenstein, que nem mesmo um nome deu a sua criação e a criatura é ironicamente conhecida com o sobrenome do criador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Frankenstein*, da escritora inglesa, Mary Shelley, foi escrita no século XVIII, mas continua atual até os dias de hoje, porque trata de assuntos relativos ao caráter humano, tais como: ambição intelectual, vaidade, dentre outras coisas. Mas o que consideramos mais importante é o fato de tratar assuntos como a imortalidade, que o homem busca incansavelmente no decorrer dos tempos e até agora tão inatingível. O homem na sua busca e sede insana pelo poder passa por cima dos preceitos religiosos, éticos e morais, enfim passa por cima de tudo que esteja em seu caminho, numa tentativa vã de igualar-se a Deus.

Nessa busca os homens não pensam e não medem as conseqüências de seus atos para atingirem seus objetivos. No século XVIII, em que predominava a era da razão e das luzes, Shelley conseguiu enxergar e enfocar um tema discutido pelos cientistas da atualidade, como a tão sonhada clonagem de seres humanos, a qual trás a prerrogativa de criar uma raça melhorada, livre de doenças e principalmente livres da morte, salvo aquelas provocadas pela violência e acidentes, e ao mesmo tempo tentou mostrar os resultados bárbaros e catastróficos que tais atos poderiam desencadear. Se os seres humanos não conseguem conviver com as diferenças de seus semelhantes, sejam elas de raça, de credo de cor dentre outras, conseguiria eles viverem normalmente com formas de vidas criadas em laboratório?

Ou seriam eles cientistas Frankenstein, brincariam de Deus e se o resultado de suas experiências não saíssem como a forma idealizada, jogariam no mundo ao relento sem instrução. Cabe então alertar, assim como Shelley, o perigo que tais atitudes podem provocar. Seria mesmo necessário criar outras formas de vida num mundo em que muitas criaturas passam fome e não tem se quer onde morar.

Shelley em sua obra, retrata um ser com aspirações nitidamente humanas, com medos fraquezas, dúvidas com relação a sua origem, ou seja, um ser tentando construir sua identidade em meio ao nada, que além de tudo, tem que enfrentar os seres humanos ditos normais, que não sabem conviver se quer com suas próprias diferenças. Ao mesmo tempo que mostra um criador imaturo, vaidoso, completamente despreparado, para lidar com a situação que criou, assim como qualquer humano que vive dividido, cheio de conflitos existenciais, imerso numa imensidão de mistérios inesplicáveis tentando compreender a vida e buscando atingir o incansável e com apenas uma certeza, a de que caminha para o pó da morte, como se fosse um verme. A lição que podemos tirar do romance de Mary Shelley, o qual é bastante

filosófico, por isso altamente reflexivo é que devemos pensar mais em nossa ações para não lidarmos com aquilo que não conhecemos e com isso aumentarmos tristeza e sofrimento.

BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA ANOTADA: *The Ryrie Study Bible/texto bíblico*. Mundo Cristão, São Paulo, 1994. Tradução: Carlos Osvaldo Cardoso
- BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. Editora Ática, 1996, São Paulo-SP. Tradução: Duda Machado
- CEVASCO, Maria Elisa e SIQUEIRA, Valter Lellis. *Rumos da Literatura Inglesa*. Editora Ática, 4ª ed. 1993. São Paulo-SP.
- GUINSBURG, J.: *O Romantismo*. 3ª ed, São Paulo: Perspectiva, 1993
- NEVES, Ricardo W. e GARCIA, Adriana (Produtores). *Mito e Realidade*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- REVISTA CULT: *Cristianismo e modernidade*, nº 64, ano VI, 2002.
- SHATTUCK, Roger. *Conhecimento Proibido*. Editora SCHWARCZ LTDA. 1998. São Paulo-SP. Tradução: S. Duarte/Companhia das Letras.
- SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *Frankenstein*. São Paulo: Publifolha, 1998.
- Frankenstein de Mary Shelley www.doutorfrankenstein.hpg.ig.com.br/refle.htm